

POMPEU SOBRINHO, UMA VIDA

João Clímaco Bezerra

Há uma imagem de Thomaz Pompeu Sobrinho que permanecerá intocável na minha lembrança. Uma imagem de um homem de barba negra, óculos de grau, perfil acentuado que salta, do velho livro do prof. Joaquim Nogueira – O ANO ESCOLAR. Realmente, foi através das páginas didáticas daquele compêndio, hoje muito raro, que o menino do sertão tomara conhecimento dos principais vultos da inteligência da terra comum. Muitos deles, depois, viriam a ser amigos: Beni Carvalho, Cruz Filho, Alba Valdez.

Data do I Congresso de Poesia, talvez, meu primeiro encontro com Thomaz Pompeu Sobrinho. Nós escolhêramos, sem nenhum propósito hostil, o vetusto Instituto do Ceará para sede das ruidosas sessões do movimento iconoclasta. Dirigia o Instituto o Dr. Thomaz Pompeu.

E antes das sessões, nos instantes precedentes à queima da cobra, ficávamos na sala de visita palestrando com aquele homem sereno de sorriso manso, de gestos pausados e compreensivos.

Durante as sessões, quando defendíamos, com o ardor e a irresponsabilidade da juventude, as teses mais esdrúxulas, como a completa negação de toda a Poesia brasileira antes do Modernismo, o Dr. Pompeu, de longe, nos enviava o sorriso compassivo e estimulador.

O Instituto do Ceará, àquele tempo, agia como uma força estimuladora. Se o Dr. Thomaz Pompeu não era, nem poderia ser na verdade um dos nossos, não se escandalizara com a adesão de um Joaquim Alves, um dos seus que ficou frontalmente do nosso lado.

Depois veio o tempo. E, com ele, os primeiros cabelos brancos, a curiosidade serena de conhecer o Ceará, antes de nós. A sensação equilibrada de que não estávamos destinados à construção do dilúvio. Nem antes nem depois.

E foi Thomaz Pompeu Sobrinho quem nos abriu a porta desse passado. Daquele passado que a gramática antiga chamaria de pretérito mais que perfeito. Porque o Dr. Thomaz Pompeu não se limitou à História do Ceará, tão miudamente pesquisada pelos Théberges, Antônio Bezerra, João Brígido, Joakim Catunda. Mas a pré e proto-história que é a véspera da história.

Homem de cultura extraordinariamente vasta, o Dr. Pompeu, como todos o chamamos, paira muito acima da planície. Mas talvez por isso mesmo: é um homem da planície, pela serenidade, pela cordura, pela delicadeza.

Dá-nos ele a impressão de um tímido estudante que vive com medo de não passar nos exames. Lança um livro e se esconde. Não fala, não diz nada.

E quando abrimos o novo livro é como se um mundo novo se estendesse à nossa frente. Foi assim com os dois volumes sobre as raízes históricas do Ceará. É assim com esse extraordinário Manual de Antropologia — de título tão modestamente escolar.

Confesso que apenas engatinho por essas páginas de saber e erudição. Mas meu assombro se eleva, sempre, na consulta obrigatória que faço à bibliografia citada pelo Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho.

É um homem que se colocou além do tempo. Os relógios não marcam para ele. Pois são centenas, milhares de obras consultadas, em quase todas as línguas vivas e clássicas, de que se vale o sábio conterrâneo e contemporâneo para as consultas do trabalho científico que está realizando.

Quando me avisaram que, à data do seu aniversário, este suplemento iria circular em sua homenagem, como sinal de regozijo pela sua condecoração com a Medalha da Abolição, pensei com a mais entranhada e firme das convicções:

— Eis uma homenagem justa e oportuna.

Não me proponho a falar da sua obra especializada. Limito-me à tentativa de um pálido retrato do homem, que está envelhecendo no maior de todos os exemplos aos que irão sucedê-lo no campo da inteligência.

Envelhece estudando, lendo, ensinando e vendo a vida pelo que ela tem de belo e de útil, sobretudo porque acredita na cultura e, mais do que isso, acredita no Homem que a constrói e projeta pelos tempos dos tempos.